

O MOVIMENTO DOS NÃO ALINHADOS E A AMÉRICA LATINA: UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO NA ATUALIDADE

Gustavo Carvalho Guimarães

Joyce Marilene Mertig Araujo

Resumo

O presente trabalho busca analisar a criação do Movimento dos Países não Alinhados (MNOAL) e a sua influência histórica na região da América Latina, com enfoque analítico no peso dos resquícios desta nos dias atuais. Para isso, nos propomos a estabelecer parâmetros históricos que precederam sua criação por meio da Conferência de Bandung em 1955, e através da I Conferência de Belgrado em 1961, como uma estratégia que surge em meio a quebra do sistema colonial e que acaba tendo fases, por isso se citará brevemente seus objetivos e conquistas como forma de mostrar seu peso na época. De tudo isso, estabeleceremos uma relação específica da América Latina para com o Movimento dos Países não Alinhados e analisaremos qual a importância do Movimento para a América Latina até os dias de hoje, considerando o espaço que ocupa na agenda dos Estados, suas pautas e o quanto ativa é. As fontes serão material bibliográfico

Palavras-chave: Bandung, MNOAL, América-Latina, Atualidade.

Resumen

El presente trabajo busca analizar la creación del Movimiento de los Países no Alineados y su influencia histórica en la región de América Latina, con enfoque analítico en el peso de los resquicios de este en los días actuales. Para ello, nos proponemos establecer parámetros históricos que precedieron su creación a través de la Conferencia de Bandung en 1955, y a través de la I Conferencia de Belgrado en 1961, como una estrategia que surge en medio de la quiebra del sistema colonial y que acaba teniendo fases, por eso se citará brevemente sus objetivos y conquistas como forma de mostrar su peso en la época. De todo esto, estableceremos una relación específica de América Latina con el Movimiento de los Países no Alineados y analizaremos cuál es la importancia del Movimiento para América Latina hasta los días de hoy, considerando el espacio que ocupa en la agenda de los Estados, sus pautas y el que activa es. Las fuentes serán material bibliográfico.

Palabras-clave: Bandung, MNOAL, América Latina, Actualidad.

1. Introdução

O Movimento dos Não Alinhados foi um importante movimento de resistência dos países considerados do terceiro mundo global contra a insurgência dos países considerados hegemônicos, a luta em prol da independência e descolonização foi um marco da resistência, principalmente dos países afro-asiáticos, na América-Latina, apesar da independência já haver sido alcançada antes do início do Movimento, este se fez presente, de um modo um pouco diferente.

O presente artigo visa trabalhar o Movimento dos Países Não Alinhados, com ênfase na sua relação com a América-Latina nos dias atuais, para verificar se as influências desse movimento resistem até hoje. Para tanto, neste trabalho primeiro faremos uma contextualização histórica do MNOAL, explicando seu surgimento e as causas que o levaram a surgir; expondo suas duas

primeiras e principais Conferências, as quais deram corpo e reafirmaram o Movimento, após essa introdução ao tema com o levantamento histórico do movimento, analisaremos o papel do MNOAL nas relações Sul-Sul, seu peso na atualidade, e os movimentos que surgiram se baseando nele (como é o caso dos BRICS, que carrega seus princípios) para então adentrarmos na temática da influência que teve este movimento na América-Latina, fechando a análise dizendo o que ainda restou deste movimento tão importante nas décadas de 1950 e 1960 na América-Latina atual.

2. O Início da MNOAL e sua relação com a América Latina

No contexto dos primeiros anos da Guerra Fria e do sistema mundial bipolar, com o enfraquecimento das antigas hegemonias coloniais, pós segunda Guerra Mundial, os países considerados de terceiro mundo lutaram em prol da descolonização como pauta principal, pois apesar de alguns terem alcançado a independência, ainda estes sofriam com os resquícios da colonização, tendo este movimento a Ásia como o protagonista. Para Odette Guitard, os esforços que levaram a Bandung datam de uma época em que esses países ainda eram colônias:

[...] o dicho de otra manera, las reuniones de las que surgió Bandung y algunos de los acontecimientos exteriores llevaron a esas reuniones, sino también los primeros encuentros entre pueblos colonizados o ex colonizados, es decir, los primeros intentos de cooperación internacional entre países de Asia y de África -que se remontan a tiempos en que la mayor parte de ellos eran aún colonias europeas y en que, por consiguiente, su colaboración llevaba el sello del anticolonialismo y del antirracismo. (GUITARD, 1962, p. 10)

A conferência Afro-asiática de Bandung representou tanto o protagonismo asiático neste novo movimento emergente, quanto uma tomada de consciência do papel que esses países deveriam exercer no contexto presente do Sistema Internacional naquele momento, e nesta conferência também foi dada a primeira expressão política dessas nações independentes contra o imperialismo europeu, tudo isso em um momento de diferentes conflitos para esses países, a Índia e a Indonésia se encontravam em um contexto de lutas nacionalistas, já China, Coréia e Vietnã que eram regimes socialistas e se encontravam na primeira fase de descolonização eram pressionados pelos Estados Unidos, que substituíam a pressão exercida anteriormente pela França e Inglaterra (PEREIRA; MEDEIROS, 2015).

A Conferência de Bandung foi realizada de 18 a 24 de abril de 1955, em Bandung, Indonésia, e contou com os representantes de 29 países afro-asiáticos¹ (BRESSAN; SALLES 2015), que haviam conquistado sua independência num período relativamente recente a realização

¹ Países participantes: Afeganistão, Arábia Saudita, Birmânia, Camboja, Ceilão, Egito, Etiópia, Filipinas, Iémen do Norte, Índia, Irã, Iraque, Israel, Laos, Líbano, Libéria, Líbia, Nepal, Paquistão, República Democrática do Vietnã, República Popular da China, Síria, Turquia, Vietnã do Sul.

da conferência. Entre os princípios que foram acordados na ocasião, vale destacar a luta contra o racismo e o colonialismo, e o direito de todos os povos à autodeterminação. Também nesta conferência é colocada a questão da liberdade de escolher alinhar-se ou não, e a quem se alinhar no contexto da Guerra Fria.

Pode-se dizer que a Conferência de Bandung significou o primeiro consenso dos países da periferia em uma estratégia global no cenário dado no Sistema Internacional (PEREIRA; MEDEIROS, 2015). Essa estratégia pode ser claramente traduzida nos Dez Princípios (de coexistência) de Bandung, que são: 1) Respeito aos direitos humanos fundamentais, conforme aos fins e aos princípios da Carta das Nações Unidas; 2) Respeito à soberania e à integridade territorial de todas as nações; 3) Reconhecimento da igualdade de todas as raças e a igualdade de todas as nações, pequenas e grandes; 4) Não-intervenção e não-ingerência nos assuntos internos dos outros países; 5) Respeito ao direito de cada nação de defender-se individual e coletivamente conforme a Carta das Nações Unidas; 6.a) Rejeição a todo acordo de defesa coletiva destinado a servir aos interesses particulares das grandes potências quaisquer forem; 6.b) Rejeição a toda pressão que uma potência, qualquer que seja, tente exercer sobre outra; 7) Abstenção a atos de ameaças de agressão ou uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de um país; 8) Resolução de todos os conflitos por meios pacíficos, tais como negociação ou conciliação, arbitragem e resolução diante de tribunais, assim como outros meios pacíficos que possam eleger os países interessados, conforme a Carta das Nações Unidas; 9) Estímulo dos interesses mútuos e a cooperação; 10) Respeito à justiça e às obrigações internacionais (GUTTARD, 1962).

O MNOAL não chega na América Latina logo em seu início, são necessários alguns anos mais após o início do movimento para que esta chegue aos países latino-americanos, e ao chegar ganha um “rosto próprio” dado o contexto da latino América que era diferente dos países iniciantes do movimento, e a principal diferença era a questão da luta em prol da descolonização, uma vez que os países latino-americanos já haviam conquistados suas independências, no entanto, mesmo com essas diferenças o movimento se faz presente na América-Latina.

3. I Conferência de Belgrado

Tendo como antecedente a Conferência Afro-Asiática de Bandung, e em um contexto onde a Paz mundial via-se ameaçada, em 16 de setembro de 1961 aconteceria a I Conferência de Belgrado, conferência esta que ficaria conhecida também como “iniciativa dos cinco”, fazendo

alusão aos cinco países que foram os impulsores desta². Esta reunião contou com a participação de 25 países³ mais três observadores, da América Latina, apenas Cuba participou na condição de membro. Antes da Conferência de Belgrado, foi realizada uma conferência preparatória para esta, na cidade do Cairo (Egito), na qual foram definidos os critérios de adesão ao Movimento.

Esta reunião, de cunho político, teve como objetivo principal conseguir que os países do Terceiro Mundo pudessem ficar de fora dos enfrentamentos entre os blocos opostos, tendo êxito em seu propósito e contribuindo de maneira positiva à causa do movimento do não alinhados, avançando a luta pela salvaguarda dos direitos à soberania nacional contra a agressão dos dois grandes blocos existentes na época, persistindo na luta contra o velho e o novo colonialismo, e na defesa pela Paz mundial.

A I Conferência de Belgrado também foi importante para que o Movimento dos Não Alinhados pudesse demonstrar que não havia sido concebido apenas para exercer um papel passivo na política internacional, mas sim para formular suas próprias posições de forma independente, refletindo as condições e interesses de seus membros, enquanto países subdesenvolvidos e em desenvolvimento⁴.

4. A tendência da cooperação Sul-Sul

O MNOAL e o Grupo dos 77⁵ conseguiram se constituir como espaços multilaterais formais para a discussão e formulação dos interesses do Sul Global, funcionando inclusive como grupo de pressão em outros dos organismos já existentes, como exemplo, a ONU (BRESSAN, 2015, p.15-17). Porém seu protagonismo acaba sendo temporal, já não tendo o mesmo peso na atualidade.

² Kwame Nkrumah (Ghana), Gamel Abdul Nasser (Egito), Josip Broz Tito (Yugoslavia), Ahmed Sukarno (Indonésia) y Jawaharlal Nehru (Índia). FONTE: <https://mundo.sputniknews.com/mundo/201609171063519331-historia-movimiento-paises-no-alineados/>

³ Afeganistão, Argélia, Arábia Saudita, Birmanian, Camboja, Ceilão, Chipre, Congo, Cuba, Etiópia. Ghana, Guinéa, Índia, Indonésia, Irã, Líbano, Mali, Marrocos, Nepal, República Árabe Unida, Somália, Sudão, Túnez, Iêmen y Iugoslávia. FONTE: <http://archivo.cubaminrex.cu/surgimiento-y-desarrollo-del-movimiento-de-paises-no-alineados>

⁴ VER MAIS EM: <http://mas-historia.blogspot.com/2011/08/movimiento-de-paises-no-alineados.htm>

⁵ “Esta aliança estabelecida em 1964, no âmbito da 1ª Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), tem como objetivo aumentar a capacidade de articulação e pressão dos países em desenvolvimento nas questões de natureza comercial, que eram tratadas no âmbito do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT)” (SALLES, 2012 apud BRESSAN, 2015).

Mesmo assim, é importante destacar que: “[...] a América Latina fez uso intensivo do policyspace que foi construído no âmbito do GATT pelas coalizões decorrentes de Bandung.” (BRESSAN, 2015, p. 21). Ou seja, a coesão do Terceiro Mundo gerou diversas oportunidades como a substituição de importações em alguns dos países, ou até mesmo a criação e fortalecimento de organismos de integração como a ALALC e ALADI na região latino-americana.

Infelizmente, para o Terceiro Mundo, o MNOAL foi perdendo espaço no contexto internacional por culpa da própria Guerra Fria que, em seu auge, impedia mudanças econômicas nos países terceiro-mundistas, ideia reforçada por Bissio (2015, p. 24). Sendo assim, o movimento perdeu quase todo de seu protagonismo, e a cooperação Sul-Sul na atualidade migrou para outros processos, como os de integração regional do Sul Global ou ainda nos BRICS, que segundo Bressan (2015, p. 32), “[...] parece retomar o papel principal do projeto do MNA, ou seja, uma iniciativa anti-hegemônica.”.

Os BRICS, nesse cenário, são tidos como “proyecto intelectual orientado a formular nuevas reglas de co-existencia global” (BRUCKMANN, SANTOS, 2015, p. 4), obtendo um grande peso no que seriam os novos rumos da cooperação Sul-Sul. Martynov (2015, p. 11) coloca também a importância na junção dos BRICS, ao colocar-los “como continuador de la tarea principal del Movimiento No Alineado, que persigue la formación del mundo multicivilizacional: la única razonable garantía de la gobernabilidad del mundo en el presente siglo.”

Entretanto, não vemos multilateralmente no âmbito global um movimento forte ou a volta do fortalecimento da MNOAL mesmo quando se fala que nos últimos anos houve um fortalecimento das relações Sul-Sul (BRUCKMANN, SANTOS, 2015). Ou seja, Bandung, MNOAL e G-77 permitiram uma série de outras instituições continentais, regionais e sub-regionais voltadas ao Sul, mas talvez por uma falta de pautas tão coincidentes igual a década de 1960-70, estes movimentos em si não recuperam sua força.

É importante destacar também que há diferenças nessa cooperação Sul-Sul, principalmente a proposta pelos BRICS como pontua Bressan (2015). Este não busca ser anti-sistêmico, somente anti-hegemônico em sua postura com o mundo. Além do fato de que em sua estrutura já o movimento diverge, pois são “líderes de sus respectivas regiones” (BISSIO, 2015) que compõe o movimento e que seriam responsáveis por organizar a cooperação Sul-Sul.

Ainda assim, principalmente nos dias atuais e na América Latina, podemos ver o comprometimento dessa postura com o Sul:

De un lado, están los intentos de reorganización de los intereses hegemónicos de EE.UU. en la región, articulados a un creciente proceso de militarización y a estrategias multidimensionales de desestabilización política de los gobiernos democráticos en la región. Entre los principales instrumentos de esta estrategia

se utilizan las guerras psicológicas y económicas que cuentan con poderosos aliados locales, particularmente los medios de comunicación monopólicos y las empresas transnacionales que operan globalmente a partir de una estrategia bien definida

O que, por si só, não seria uma surpresa histórica. O próprio MNOAL foi combatido de todas as formas, segundo Amin (2015, p. 18), tanto pelas forças dos países imperialistas quanto pelas elites reacionárias locais, um movimento bem parecido com o da atualidade. De qualquer forma, e a título de conclusão, as palavras de Bruckmann (2018) são bem pertinentes: “Es claro que los BRICS, con participación activa o no de Brasil, están y continuarán jugando un rol fundamental que tiene el potencial de redefinir también la dinámica de las relaciones Sur-Sur.”

5. O MNOAL na atualidade da América Latina

Um dos porquês do MNOAL foi tão forte como movimento é que as nações na época “compartilhavam problemas singulares e similares herdados de um passado colonial recente” (BRESSAN, 2015 p. 16), que foi o mesmo motivo de a América Latina não estar inserida com tanto peso no início de tais processos, ideia reafirmada por Amin (2015, p. 20) por exemplo. A pauta econômica na década de 1970, entretanto, trouxe uma ampliação ao movimento e este se fortaleceu ao discutir subdesenvolvimento e riquezas nacionais. (Bressan, 2015, p. 16)

Mas ainda assim, com o advento da crise de 1973 e década perdida de 1980, a América Latina foi prezando pela adoção “do paradigma neoliberal e o abandono do ‘espírito de Bandung’”, o que alterou drasticamente a relação dela com o resto do Terceiro Mundo. A retomada de outras políticas econômicas só veio após os 2000 e da série de crises que os países sofreram graças às políticas neoliberais, o que permitiu uma “revisitação” dos processos de integração latino-americanos e uma nova atenção ao Sul Global. Escobar chama esse período de “Década de la resistencia y la unidad” (2018, p.19).

Amin (2015) defende que as condições que afastavam a América Latina de uma maior inserção no MNOAL mudaram, pelo menos assim tinha sido até o início da derrocada dos governos progressistas. A região criou instituições das quais os EUA não fazem parte (ALBA, UNASUL e CELAC por exemplo), se tem governos mais inclusivos e o ponto acima, de rechaço ao neoliberalismo. Tudo isso seria necessário para uma retomada tricontinental do MNOAL, porém a situação de crise nos governos latino-americanos compromete esses avanços.

Infelizmente, o cenário que parecia promissor em 2015 para todos os autores citados mudou uma vez mais após o “boicot sistemático a los proyectos de integración regional y a sus diversos intentos de elaboración estratégica, para retornar una política de realineamiento con la

visión hegemónica de Estados Unidos.” (BRUCKMANN, 2018). Os teóricos já falam amplamente desse estancamento regional em relação aos projetos de integração e as instituições de modo geral (GARCÍA, 2018, p. 9). Isso, na prática, significa um novo afastamento da Cooperação Sul-Sul em todos os seus âmbitos, incluindo na MNOAL. O que era regionalmente conhecido como as instituições Sul-Sul (ALBA, UNASUL e CELAC) “están siendo desestructurados por parte de sus propios creadores” (ESCOBAR, 2018, p. 20)

Uma exceção ao cenário acima é a Venezuela que, mesmo em crise política e econômica, assumiu a presidência do MNOAL em 2016, se mantendo como uma das únicas frentes na região dispostas a buscar uma maior interação entre países do Sul. As atividades do movimento após a ascensão *pro tempore* de Nicolás Maduro não foram além de alguns posicionamentos usuais e pontuais sobre certos temas, como o rechaço as tarifas e sanções unilaterais (como as propostas pelos EUA ao longo do governo Trump).

A única atenção especial a América Latina foi sobre a questão do embargo em Cuba, na qual “La conferencia ministerial nuevamente condenó el bloqueo norteamericano de más de medio siglo contra la isla, y no solo eso, sino el retroceso del bloqueo con el actual gobierno de Estados Unidos [...]” (ESCAMBRAY, 2018). Portanto, mesmo a América Latina tendo a presidência *pro tempore* da MNOAL com a Venezuela, nenhuma tentativa de aproximação ocorreu pelos demais países da região.

6. Conclusão

Para fechar esta breve pesquisa é importante reafirmar a importância que o MNOAL teve historicamente, e isso no âmbito global, permitiu através de um espaço composto e criado pela periferia global, o Sul Global, que este tivesse voz e defendesse seus próprios interesses, fossem de descolonização inicialmente ou as pautas econômicas mais a frente na década de 1970. Isso gerou e ainda gera repercussões nos dias atuais.

De qualquer forma, pode-se perceber que devido às próprias circunstâncias do cenário internacional, o movimento foi perdendo peso conforme não conseguia alcançar as mudanças que propunha. Na atualidade, embora o que tenha ficado possa ser considerado uma “sombra” do MNOAL de 1960, seus princípios e a própria cooperação Sul-Sul ainda existem em diversos outros espaços, que se utilizam dos princípios postulados pelo movimento pioneiro. Os BRICS aparecem como o maior dos “herdeiros”, ainda que haja divergência em sua estrutura e forma de posicionamento contra a ordem, dão continuidade aos ideais da MNOAL com impacto e certo protagonismo nos dias de hoje.

Voltando novamente a MNOAL e sua relação com a América Latina, é possível afirmar que houve um curto período de tempo em que havia uma maior afinidade da região com o movimento na atualidade, e, portanto, a possibilidade de ampliação do escopo dos não alinhados regionalmente. Porém, por uma série de golpes nos Estados latino-americanos, os projetos focados no Sul Global estão sendo desmontados e o desejo por se alinhar aos EUA como ocorreu historicamente, voltando. Isso resulta que pouquíssimos são os países que se dedicam a organismos Sul-Sul, em especial a MNOAL. Cabe ressaltar que a Venezuela, apesar de sua crise interna, preside o movimento e busca demonstrar apoio a Cuba, mas que além disso pouca foi a interação com a região (por falta de interesse da mesma).

Ou seja, o próprio MNOAL existe e outras instituições que dão seguimento aos seus princípios estão em atividade. Contudo, o momento em que havia afinidade da América Latina para com estes parece ter passado, o que pode resultar em um novo afastamento e enfraquecimento das relações Sul-Sul latino-americanas.

Referências Bibliográficas

AMIN, Samir. De Bandung-1955 a 2015: Viejos y nuevos desafíos. IN: 60 años después Vigencia del espíritu de Bandung. **ALAI**, 2015.

BISSIO, Beatriz. De Bandung a los BRICS: Dos estilos, un objetivo. IN: 60 años después Vigencia del espíritu de Bandung. **ALAI**, 2015.

BRESSAN, Regiane Nitsch; SALLES, Marcus Maurer. 60 anos após Bandung: Novas visões a partir do Sul. **Anuario de Integración**, n. 11, 2015.

BRUCKMANN, Monica; SANTOS, Theotonio dos. Por una agenda estratégica de América Latina. IN: 60 años después Vigencia del espíritu de Bandung. **ALAI**, 2015.

BRUCKMANN, Monica. America Latina y la nueva dinámica del sistema mundial. IN: Integración en tiempos de incertidumbre. **ALAI**, 2018.

ESCAMBRAY, Periodico Sancti Spiritus. **Cuba aboga por la unidad del Movimiento de los No Alineados**. Disponível em:

<http://www.escambray.cu/2018/cuba-aboga-por-la-unidad-del-movimiento-de-los-no-alineados/>. La Habana – Cuba, acesso 22 de outubro de 2018.

ESCOBAR, Loreta Telleria. América Latina y el nuevo oleaje intervencionista. IN: Integración en tiempos de incertidumbre. **ALAI**, 2018.

GARCÍA, Maribel Aponte. Debates estratégicos en torno a EEUU y China. IN: Integración en tiempos de incertidumbre. **ALAI**, 2018.

GUITARD, Odette. **Bandung y el despertar de los pueblos coloniales**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1962.

HISTORIASIGLO20.ORG. Declaración de Belgrado de Países No Alineados, 1961.

Disponível em: <http://archivo.cubaminrex.cu/surgimiento-y-desarrollo-del-movimiento-de-paises-no-alineados>. Acesso em: 15 de outubro de 2018

MARTYNOV, Boris F. 60 años de Bandung: Un balance histórico. IN: 60 años después Vigencia del espíritu de Bandung. **ALAI**, 2015.

MÁS HISTORIA. Movimiento de países no alineados.

Disponível em: <http://mas-historia.blogspot.com/2011/08/movimiento-de-paises-no-alineados.htm>. Acesso em: 16 de outubro de 2018

PEREIRA, Analúcia; MEDEIROS, Klei. **O PRELÚDIO DA COOPERAÇÃO SUL-SUL: da Conferência de Bandung à Conferência de Buenos Aires (1955-1978)**. 1 Seminário Internacional de Ciencia Política. Porto Alegre. Setembro de 2015.

SPUTNIKNEWS. Historia do Movimento de Países Não Alinhados.

Disponível em: <https://mundo.sputniknews.com/mundo/201609171063519331-historia-movimiento-paises-no-alineados/>. Acesso em: 20 de outubro de 2018

TELESUR TV. Mnoal rechaza imposición de sanciones contra América Latina.

Disponível em: <https://www.telesurtv.net/news/mnoal-sanciones-unilaterales-america-latina--20180420-0042.html>. Acesso em: 22 de outubro de 2018